

FACES DA CIDADE E DO URBANO EM UMA GEOGRAFIA REGIONAL DA
AMAZÔNIA:
UM OLHAR SOBRE A OBRA DE AZIZ AB'SÁBER

FACES OF THE CITY AND THE URBAN IN A REGIONAL GEOGRAPHY OF
THE AMAZON:
A LOOK AT THE WORK OF AZIZ AB'SÁBER

ROSTROS DE LA CIUDAD Y LO URBANO EN UNA GEOGRAFÍA REGIONAL
DE LA AMAZONÍA:
UNA MIRADA A LA OBRA DE AZIZ AB'SÁBER

Gabriel Carvalho da Silva Leite¹

Resumo

Considerado um dos maiores nomes das ciências no Brasil, em particular da ciência geográfica, Aziz Nacib Ab'Sáber notabilizou-se por suas relevantes contribuições à compreensão e defesa da Amazônia como espaço físico e humano, ecológico e social. Com base em levantamento e revisão bibliográfica da obra do autor em referência, este artigo explora a dimensão urbana da sua geografia regional da Amazônia. Evidencia-se que as cidades, as redes urbanas e a urbanização, ainda que nem sempre tenham sido o foco dos estudos amazônicos de Ab'Sáber, comparecem como elementos importantes em sua abordagem geográfica compreensiva e comprometida com o futuro da região.

Palavras-chave: Região. Urbano. Amazônia. Geografia. Aziz Ab'Sáber.

Abstract

Considered one of the greatest names in Brazilian science, particularly in geographical science, Aziz Nacib Ab'Sáber became notable for his significant contributions to the understanding and defense of the Amazon as a physical and human, ecological and social space. Based on a bibliographic review of the author's work, this article explores the urban dimension of his regional geography of the Amazon. It is demonstrated that cities, urban networks, and urbanization, although not always the focus of Ab'Sáber's Amazonian studies, appear as important elements in his comprehensive geographical approach, committed to the future of the region.

Keywords: Region. Urban. Amazon. Geography. Aziz Ab'Sáber.

Resumen

Considerado una de las figuras más importantes de las ciencias en Brasil, en particular de la ciencia geográfica, Aziz Nacib Ab'Sáber se destacó por sus relevantes contribuciones a la comprensión y defensa de la Amazonía como espacio físico y humano, ecológico y social. A partir del levantamiento y revisión bibliográfica de la obra del autor en referencia, este artículo explora la dimensión urbana de su geografía regional de la Amazonía. Se evidencia que las ciudades, las redes urbanas y la urbanización, aunque no

¹ Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), em cujo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) se tornou Mestre em Planejamento do Desenvolvimento e, atualmente, doutorando em Desenvolvimento Socioambiental. E-mail: gabrielcarvalholeite16@gmail.com

Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Sáber

siempre hayan sido el foco de los estudios amazónicos de Ab'Sáber, aparecen como elementos importantes en su enfoque geográfico comprensivo y comprometido con el futuro de la región.

Palabras clave: Región. Urbano. Amazonía. Geografía. Aziz Ab'Sáber.

INTRODUÇÃO

Considerado um dos maiores nomes das ciências no Brasil (MARCOVITCH, 2015), em particular da ciência geográfica (MOREIRA, 2010), Aziz Nacib Ab'Sáber² notabilizou-se, entre outras tantas razões, por suas importantes contribuições à compreensão e defesa da Amazônia em sua integralidade (FURTADO, 2010), isto é, enquanto espaço simultaneamente físico e humano, ecológico e social.

No presente trabalho³, apoiado em levantamento e revisão bibliográfica da obra desse grande cientista e intelectual brasileiro, busca-se tratar de um aspecto da sua geografia regional da Amazônia, qual seja, a dimensão urbana, que ainda que nem sempre tenha sido o foco dos estudos amazônicos do autor, não escapou ao seu olhar abrangente, integrador e comprometido com o futuro da região.

Para a exposição desse argumento, o artigo encontra-se organizado em três seções, além da presente introdução e das considerações finais. Na primeira, apresenta-se, em linhas gerais, a abordagem geográfica totalizante e atuante de Aziz Ab'Sáber sobre a Amazônia. Na segunda, discute-se, com base em textos selecionados, as preocupações do autor com questões relativas às cidades, à rede urbana e à urbanização na região. Por fim, destaca-se o papel dos centros urbanos na sua proposta de zoneamento ecológico e econômico do espaço amazônico

² Nascido em São Luiz do Paraitinga (SP), no dia 24 de outubro de 1924, e falecido em Cotia (SP), no dia 16 de março de 2012, Aziz Ab'Sáber formou-se em Geografia e História (1944) pela Universidade de São Paulo (USP), onde também obteve os títulos de Doutor em Geografia (1956), Livre-Docente (1968) e Professor Titular de Geografia Física (1968). Mesmo após sua aposentadoria, manteve-se bastante ativo, passando a integrar, em 1988, o Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, do qual posteriormente se tornaria professor honorário. Além de sua atuação na USP, também presidiu o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), entre 1982 e 1983, e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), de 1993 a 1995. Ao longo de sua carreira, recebeu diversas honrarias, como o “Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia” (1999), o “Prêmio Unesco para Ciência e Meio Ambiente” (2001), o “Prêmio Fundação Conrado Wessel de Ciência Aplicada ao Meio Ambiente” (2005), o “Prêmio Jabuti”, na categoria Ciências Humanas (1997 e 2005), e na categoria Ciências Exatas (2007), e o “Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano” (2011) (MODENESI-GAUTTIERI *et al.*, 2010; DOURADO, 2015).

³ Este trabalho sistematiza resultados parciais do projeto de pesquisa “Redutos, enclaves e zonas: contribuições a uma geografia regional da Amazônia”, coordenado pelo Prof. Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), uma entidade do governo brasileiro voltada ao fomento à ciência, à tecnologia e à inovação. Uma versão inicial da presente discussão foi apresentada durante o Seminário “O pensamento de Aziz Ab'Sáber e a Amazônia”, ocorrido no dia 24 de agosto de 2023, na cidade de Belém do Pará, como parte das comemorações dos 50 anos do NAEA.

A AMAZÔNIA EM UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA TOTALIZANTE E ATUANTE

Na produção geográfica brasileira sobre a Amazônia, a obra de Aziz Ab'Sáber destaca-se, ao lado das de outros grandes estudiosos dessa região (TRINDADE JR., 2024), pela sua abordagem totalizante, isto é, voltada ao que se denomina, nos termos do próprio autor, de espaço total⁴ amazônico.

Esse enfoque abrangente transparece na obra *Amazônia: do discurso à práxis* (AB'SÁBER, 1996a), que reúne alguns dos principais trabalhos do referido geógrafo sobre a região, tratando desde os seus aspectos fisiográficos e ecológicos – com atenção à diversidade de paisagens e ecossistemas ocorrentes no interior do domínio das terras baixas equatoriais florestadas⁵ –, até as dramáticas repercussões da projeção, sob a égide de um capitalismo selvagem, de uma sociedade desigual por sobre aquelas heranças da natureza.

Os impactos ambientais e sociais de tais projeções, materializadas em agroecossistemas extensivos e homogêneos pontuados por sistemas urbano-industriais, foram analisados e denunciados pelo geógrafo em referência numa crítica contundente aos projetos de desenvolvimento que têm sido endereçados à Amazônia desde a década de 1960:

a metade norte do Brasil [...] foi por muito tempo o grande espaço físico e ecológico oferecido à imaginação incoerente (sic) dos tecnocratas, destituídos de qualquer noção de escala, senso da realidade empírica, e responsabilidade pelas propostas fantasiosas colocadas em mapas. O que se cometeu de pseudoplanejamento, feito à distância [...] não tem paralelo em qualquer parte do mundo, em termos de ausência de noção de escala, responsabilidade civil por propostas predatórias, e falta de conhecimentos efetivos da realidade física, ecológica e social da Amazônia brasileira (AB'SÁBER, 1996a, p. 17-18).

Além dessa postura crítica, a abordagem geográfica em foco também comporta, como sugere o próprio título do livro referido (AB'SÁBER, 1996a), uma preocupação com a práxis, quer dizer, com a instrumentação do conhecimento científico para a ação política orientada à mudança da realidade regional. É nesse sentido que o autor defendeu a necessidade de um zoneamento ecológico e econômico como base para um novo modelo, autossustentado e não predatório, de utilização dos espaços amazônicos (AB'SÁBER, 1995b, 1996c, 1996d, 2010).

Nessa abrangente proposta de setorização do espaço total da Amazônia brasileira, a identificação das potencialidades (e limitações) de cada subespaço ou célula espacial é pensada como uma tarefa multidisciplinar de cruzamento de conhecimentos sobre o complexo natural da região – em seus aspectos fisiográficos e ecológicos – e sobre a conjuntura social e econômica das populações humanas projetadas, sobre os remanescentes da natureza, em atividades as mais diversas nos espaços rurais-silvestres e, igualmente, nos espaços urbanos:

⁴ Segundo a definição conceitual proposta pelo autor (AB'SÁBER, 1995a), o espaço total é “[...] aquele que contém os remanescentes da natureza, os agroecossistemas (a vida rural) e as cidades, sob a forma de uma rede ou de uma bacia urbana. Além desses três elementos, existem as ligações por terra, água e ar que completam esse espaço total” (AB'SÁBER, 2012, n. p.).

⁵ Do ponto de vista morfoclimático e fitogeográfico, a Amazônia brasileira constitui, segundo a classificação de Ab'Sáber (2003), o domínio das terras baixas florestadas equatoriais. Apesar desse predomínio, o autor destaca que a região não é homogênea, pois comporta, no seu interior, um mosaico de diferentes ecossistemas, desde os florestais, que também resguardam diferenciações entre si, até aqueles representados pelos redutos de cerrados, campestres e cactáceas, de grande significado paleoclimático e paleoecológico (AB'SÁBER, 1996b, 2002).

Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber

[...] convém lembrar sempre que atualmente vivem na Amazônia 250 mil índios (diferenciados por fatores linguísticos e por níveis diversos de contato e aculturação), 4,5 milhões de seringueiros, beiradeiros e castanheiros; 350 mil garimpeiros; 5 milhões de trabalhadores braçais, funcionários e peões seminômades; além de alguns milhões de habitantes urbanos, de diferentes níveis sociais e culturais, vivendo em grandes, médias e pequenas cidades. Este o novo estoque de humanidade da Amazônia brasileira, a ser compreendido e atendido por uma administração pública, renovada e sensível (AB'SÁBER, 1996d, p. 132).

Assim, ao contrário de como foi recorrentemente apresentada ao mundo ocidental, a região amazônica é vista, sob a perspectiva geográfica totalizante e atuante de Ab'Saber (1996a), como um espaço com gente e com história, e no qual a urbanização assume importância crescente.

121

CIDADES, REDE URBANA E URBANIZAÇÃO: ELEMENTOS DE UMA GEOGRAFIA REGIONAL DA AMAZÔNIA

O interesse de Aziz Ab'Saber pelo fenômeno urbano na Amazônia mostra-se ainda nos seus primeiros trabalhos sobre a região, “A cidade de Manaus (primeiros estudos)” (AB'SÁBER, 1953a) e “Na região de Manaus. Fotografias e comentários” (AB'SÁBER, 1953b), ambos publicados no *Boletim Paulista de Geografia*, como resultados de uma visita de campo à capital amazonense e seus arredores nos idos dos anos cinquenta⁶.

Seguindo-se a estudos geográficos similares de Penteadó (1949, 1951) sobre a cidade de Belém do Pará, o trabalho de Ab'Saber (1953a) inclui-se entre as monografias urbanas típicas da época – a primeira do gênero sobre Manaus (MONTEIRO, 2010) – que buscavam ser sínteses urbanas obtidas “[...] pela integração analítica de dados físicos e humanos, objetivando, com isso, demonstrar a individualidade do ‘fato geográfico’ que era a cidade” (ABREU, 1994, p. 208). Com efeito, o referido trabalho sobre a capital amazonense segue, *grosso modo*, o método de pesquisa consagrado pelo geógrafo francês Pierre Monbeig⁷, que se tornou paradigmático para as monografias urbanas no Brasil, consistindo em uma série de etapas metodológicas, cada uma voltada à observação e obtenção dos dados exigidos para a elaboração de cada segmento da monografia, a saber: o sítio, a posição, a evolução histórica, a fisionomia e estrutura, as funções urbanas e o raio de ação da cidade (MONBEIG, 1941).

Quanto à *posição* de Manaus na Amazônia, entre a porção ocidental e a oriental da região, num ponto privilegiado do principal eixo da gigantesca rede de drenagem da bacia hidrográfica regional, Ab'Saber (1953a) sublinhou o peso de tal situação geográfica no desenvolvimento desta que considerou ser a capital da hinterlândia amazônica, uma espécie de elo entre a navegação fluvial, extensiva e de pequeno porte, e as grandes rotas marítimas de cabotagem e transatlânticas:

⁶ Ofertada pela Força Aérea Brasileira (FAB), essa viagem para Manaus e seus arredores, realizada em janeiro de 1953, ofereceu a oportunidade da primeira visita de Aziz Ab'Saber à Amazônia, na companhia de outros pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), como o geógrafo Ary França e o oceanógrafo Wladimir Besnard (AB'SÁBER, 1996d).

⁷ Para uma reflexão sobre a herança intelectual de Pierre Monbeig, inclusive no campo da geografia urbana no Brasil, ver Ab'Saber (1994a).

Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber

se é que esse (sic) centripetismo hidrográfico existe em muitas outras regiões brasileiras, mormente na bacia do Paraná e em parte da bacia do Maranhão-Piauí, foi sómente (sic) na Amazônia que êle (sic) pesou sobremaneira no ritmo de desenvolvimento de uma grande cidade. Explica-se facilmente o fato: ali o aglomerado urbano, por mais de dois séculos, não dependeu de nenhuma rota terrestre, mas tão sómente (sic) dos rios de planície e de uma história econômica ligada intimamente à navegação fluvial. As outras bacias sedimentares brasileiras foram soerguidas a planos altimétricos bem mais elevados, redundando na formação de vastas áreas de planaltos interiores, seccionados por maduros rios de planalto, acidentados e encachoeirados. Daí não terem engendrado condições de situação geográfica semelhantes àquelas que nos explicam a cidade de Manaus (AB'SÁBER, 1953a, p. 19).

Também no que se refere ao *sítio urbano* de Manaus, correspondente à “[...] porção ribeirinha de um sistema de colinas tabuliformes, pertencentes a uma vasta seção de um tabuleiro de sedimentos terciários situado na confluência do rio Negro com o Solimões” (AB'SÁBER, 1953a, p. 20), o autor indicou a sua influência na *estrutura urbana*, realçando a relação entre a compartimentação topográfica e a repartição socioeconômica:

às praias de estiagem corresponde uma verdadeira *cidade palafítica*, das mais exóticas e pitorescas encontradas no território brasileiro. Por outro lado, o próprio rio, assim como principalmente os igarapés, asilam casas flutuantes que ficam à mercê do ritmo anual das águas, aproveitando-se dos mais rústicos espaços urbanos ainda existentes na zona central de Manaus. O centro da cidade, por sua vez, encontra-se nas terras firmes correspondentes ao nível dos terraços dos flancos dos igarapés. Exceção feita desses (sic) elementos tão variados, situados entre as altas margens do Rio Negro e a embocadura dos igarapés manauenses, os outros bairros da cidade estendem-se pelo sistema de colinas esculpido nos terrenos arenosos do tabuleiro pliocênico de Manaus. De modo geral, os bairros mais pobres e modestos estão nas praias de estiagem, nos flancos internos dos igarapés e no reverso ondulado da barreira fluvial, enquanto os mais ricos envolvem a porção central da cidade, formando um cinturão irregular nas colinas de altitude média, dotadas de maior continuidade e suavidade de formas topográficas (AB'SÁBER, 1953a, p. 22-23, grifo do autor).

Quanto à *evolução urbana*, o autor discorreu, com base na literatura especializada e nos relatos dos viajantes que por lá passaram nos séculos anteriores, sobre as origens do povoado Lugar da Barra, lugarejo semirural surgido a partir do Forte de São José do Rio Negro (1669) no período colonial; o crescimento da cidade de São José da Barra, cujos marcos principais foram a administração de Lôbo d'Almada e a transformação em capital administrativa; e o crescimento moderno de Manaus (até 1953), marcado por transformações radicais em sua fisionomia urbana, sob o influxo decisivo da economia da borracha.

Escrevendo, como mencionado, na primeira metade da década de 1950, momento em que eram evidentes os sinais do declínio urbano que se seguiu à crise da economia dos seringais, Ab'Sáber (1953a, p. 37) assinalou, contudo, a permanência da primazia da função comercial no conjunto das *funções urbanas*, avultando, aí, a importância do Porto de Manaus, que, segundo o autor, conferia à cidade “[...] a função regional de grande porta de ocidentalização para as regiões equatoriais da Amazônia Brasileira”, bem como descreveu a *paisagem urbana* da área central da cidade, pouco modificada há quase meio século, com ênfase no cais do mercado municipal às margens do Rio Negro, que lhe chamou a atenção tanto pelo seu aspecto e movimentação, quanto pelos problemas de saneamento que apresentava:

atrás do Mercado, em plena área das praias de estiagem, situa-se o desarranjado e formigante cais das barcas, barcaças e canoas que abastecem o entreposto [...] barracas de

Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber

madeira, cobertas de folhas de flandres, ocupam temporária e sazoniariamente (sic) as rampas laterais, como que num extravasamento incontrolável do organismo movimentado do Mercado na direção do rio e do ar livre. Barcos e canoas, de todos os tamanhos e tipos [...] movimentam e dão cor local à paisagem da grande cidade fluvial brasileira. [...] Uma nota desagradável e relativamente de exceção [...] é o acúmulo de lixo atrás do Mercado, durante a vazante [...] Impõem-se (sic) vencer tais irregularidades de exceção, assim como outros pequenos detalhes importantes, a fim de dar continuidade a um saneamento planejado à grande cidade equatorial brasileira. Tanto as grandes inundações como as vazantes extremadas acarretam problemas ao homem das zonas ribeirinhas, exigindo soluções especiais dos que são responsáveis pelas coisas públicas (AB'SÁBER, 1953a, p. 43-44).

Todos os fatos urbanos supramencionados são ilustrados por um conjunto de fotografias que, vistas conjuntamente com a série fotogeográfica⁸ apresentada e comentada pelo autor em seu outro trabalho sobre a região de Manaus (AB'SÁBER, 1953b), contribuem para oferecer um vivo retrato da capital amazonense em meados do século passado.

A esse trabalho de inegável valor histórico, o geógrafo paulista acrescentou, quarenta anos depois, na sua versão republicada em *Amazônia: do discurso à práxis* (AB'SÁBER, 1996a), um adendo a propósito dos novos estudos sobre a cidade em questão, tecendo, nessa oportunidade, considerações críticas sobre os desdobramentos socioespaciais do seu principal fato novo – a instalação do distrito industrial e da zona franca de Manaus:

o mecanismo de produção de espaços urbanos na região do baixo planalto de Manaus foi relativamente complexo, já que comportou inicialmente um modelo de crescimento de bairros carentes em posição intraurbana segundo a tradição de “invasões” ao longo dos igarapés e, logo depois, uma periferação semiordenada, pelos quadrantes interiores do tabuleiro ondulado regional. [...] Com o crescimento demográfico e o forte e complicado desdobramento do espaço urbano, a cidade acentuou as disparidades sociais, assistindo ao adensamento da pobreza intraurbana e ao advento de focos de violência, aparecimento de comércio informal e subemprego. O crescimento demográfico, realizado basicamente por fortes correntes migratórias de todos os quadrantes da Amazônia Ocidental, Solimões e Médio Amazonas, deveu-se às ações múltiplas de criação de mercado de trabalho formal ou informal, precipitado pela implantação do distrito industrial da Suframa e da Zona Franca (ZPF) (AB'SÁBER, 1996e, p. 220 e 222).

Além da cidade de Manaus, então alçada, ao lado de Belém, à condição de metrópole regional, o geógrafo paulista também se debruçou sobre as vicissitudes de um povoado beiradeiro, o de Caruari (AB'SÁBER, 1996f), no estado do Amazonas, decorrentes tanto da dinâmica da natureza – sobretudo do fenômeno da morfodinâmica fluvial conhecido, na linguagem popular regional, como “sacado”⁹ – quanto da

⁸ A série fotogeográfica sobre a região de Manaus (AB'SÁBER, 1953b) é composta pelos seguintes títulos: 1) o tabuleiro arenoso de Manaus na zona do aeroporto de Ponta Pelada; 2) áreas de loteamento recente nos subúrbios do quadrante nordeste de Manaus, em plena zona de colinas do tabuleiro terciário; 3) o Rio Negro frente a Manaus, num período de estiagem moderada; 4) paisagem urbana das zonas ribeirinhas dos igarapés de Manaus; 5) aspecto do “front” da falésia fluvial de Manaus (margem esquerda do Rio Negro); 6) pormenores dos “chalés” palafíticos da praia de Manaus; 7) cenas e paisagens do interior dos igarapés manauenses (confluência do Igarapé do Mestre Chico com o Igarapé da Cachoeirinha).

⁹ A propósito desse fenômeno típico da morfodinâmica dos rios meandantes, como o Juruá, Ab'Saber (1996f, p. 193) explica que “[...] os cientistas designam o fenômeno do desligamento de um meandro, em relação a um novo canal conseguido pelo rio, como sendo um caso de ‘abandono de meandro’, que se transforma em um lago em forma de ferradura. O amazônida reúne o processo e a consequência desses fatos fluviais sob a designação de ‘sacado’. A ideia é

Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber

dinâmica social marcada pelo *boom* e crise da economia da borracha e, a partir das décadas de 1970 e 1980, pelo início das atividades de prospecção de petróleo e gás realizadas pela Petrobras no Médio Juruá.

Integrante de uma equipe de cientistas responsáveis pela avaliação dos impactos ecológicos e ambientais das operações da empresa estatal brasileira, Aziz Ab'Saber pôde entrar em contato com a realidade daquela pequena cidade ribeirinha da Amazônia ocidental – de forte presença da cultura nordestina sertaneja –, que fora fortuitamente distanciada do leito principal do Rio Juruá, ainda no início do século XX, e que então enfrentava sérios problemas de pobreza urbana e abastecimento alimentar gerados ou agravados pelo esvaziamento do tradicional povoamento beiradeiro regional, acompanhado de um rápido e desigual crescimento demográfico do núcleo urbano, provocado pelo ingresso maciço de trabalhadores direta ou indiretamente vinculados às atividades petrolíferas:

Carauari tem numerosos problemas. Situações críticas a serem resolvidas a curto e médio prazos. Algumas das questões são mais ou menos gerais ou comuns a todos os espaços interiores da Amazônia Ocidental. Outras são exclusivamente suas: graças aos imprevistos da dinâmica fluvial e ao fato histórico de ter se transformado por alguns anos em uma “base” regional de pesquisas e operações de exploração de gás e petróleo em remotas áreas florestadas do interior amazônico. Ganhou, em pouco tempo, na década de 80, alguma infra-estrutura modernizante. Perdeu, socialmente, pelo grande afluxo de pobreza e ausência de potencialidades locais de recursos, de aproveitamento imediato. [...] O rol dos problemas [...] é bem maior e mais crítico do que se poderia supor. Cresceu em população, mas assistiu a uma multiplicação da pobreza. Tem problemas de abastecimento alimentar, não percebidos pelos governantes estaduais e federais. Necessita de uma política de educação menos formal e mais pragmática, orientada para o conhecimento regional e para o encontro de soluções concretas para enfrentar o futuro. Carece de uma assistência governamental diferenciada nos setores de saúde pública, saneamento básico e educação técnica. Todas as propostas dirigidas para Carauari têm que se impregnar da ideia de que se trata de uma sociedade em processo de mudanças progressivas. Fato sobretudo importante no que diz respeito à busca de novos modelos mais rentáveis e não predatórios do uso dos recursos naturais do rio, da floresta e do subsolo (AB'SÁBER, 1996f, p. 198-199).

Recusando, portanto, uma visão estanque e a-histórica, bastante comum quando se trata dos povoados ribeirinhos da Amazônia, o autor convida a pensar o futuro da pequena cidade do Médio Juruá – após a desativação e transferência das operações da Petrobras para o município vizinho de Urucu –, reclamando compensações diretas (transformação das instalações da base de operações da empresa em um novo hospital, entreposto de pesca, escola técnica regional etc.) e indiretas (projetos de ajuda à comunidade urbana, projeto alternativo e articulado de saneamento, custeamento da contratação de médicos, sanitaristas, bibliotecários, planejadores etc.) com vistas, sobretudo, às necessidades sociais e econômicas de âmbito local e regional:

[...] não se trata de criar uma ampla e custosa *new town*, mas de religar um núcleo urbano que nasceu e cresceu da fase linear e beiradeira de ocupação da Amazônia, recolocando-o em contato com o seu mundo habitual, enquanto sociedade e economia. O aeroporto recém-construído obedeceu à logística e aos interesses operacionais da Petrobras, servindo eventualmente para colocar em contato pessoas mais abastadas e autoridades com o grande mundo de entornos distantes. Por muito tempo ainda, porém será o rio o grande elo das comunidades tradicionais, para viver, procurar apoio de saúde e educação, e manter relações humanas e econômicas na solidão dos grandes espaços interiores da Amazônia. O

a mesma: o meandro foi desligado, ou seja, ‘sacado’ do rio, num trecho em que a correnteza conseguiu um novo traçado”.

Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber

século XX, em seu conjunto, foi dramático para a pequena cidade do Médio Juruá. Por quase três quartos de século ela esteve desligada do seu rio. Rejuvenesceu de modo incompleto e problemático durante alguns anos, na década de 80, graças ao *affaire* Petrobrás. Para sobreviver a desativações, a cidade tem que receber um feixe de compensações, na base de boas idéias (sic), realizadas com muita ética e muito espírito de solidariedade humana (AB'SÁBER, 1996f, p. 200).

Outrossim, em alguns dos seus importantes estudos sobre a faixa Carajás-São Luís (AB'SÁBER, 1987a, 1987b)¹⁰, lócus privilegiado dos volumosos investimentos do Programa Grande Carajás (PGC), e de seu principal subprojeto, o Ferro Carajás, na década de 1980, o geógrafo paulista também não perdeu de vista, ao lado das questões ambientais próprias de cada um dos seus compartimentos geomorfológicos e geoecológicos, as dramáticas problemáticas urbanas que então se delineavam nesse espaço em (re)organização.

No centro da depressão interplanáltica do Médio Tocantins – região que se tornou popularmente conhecida como “Bico do Papagaio” –, Ab'Saber (1987a) analisou a formação de uma rede urbana, controlada por dois centros principais que constituem uma espécie de binômio interestadual, Marabá (PA) e Imperatriz (MA), a partir da desvinculação das antigas cidades beiradeiras da região em relação à utilização exclusiva dos rios como vias de transporte e circulação, e do advento de uma diversificação funcional dos novos e velhos núcleos urbanos agregados à rede regional de cidades:

a construção da Belém-Brasília favoreceu extraordinariamente o desenvolvimento de Imperatriz na década de 60. Por sua vez, a construção da Transamazônica (trecho Estreito-Marabá-Altamira), da BR-222 para interligação direta da cidade com a Belém-Brasília, e, finalmente, a rodovia da CVRD para a Serra dos Carajás e a moderna ferrovia Carajás-São Luís, criaram uma nova e invejável posição geográfica, de entroncamento regional de rotas terrestres para a velha cidade de caucheiros e castanheiros. Hoje, as duas cidades – Marabá e Imperatriz – funcionam como centros regionais de controle de uma rede urbana cujos extremos vão das cidades da Serra dos Carajás até Tucuruí, Açailândia e Conceição do Araguaia. Nessa rede existem verdadeiras *new towns*, representadas pelos dois núcleos planejados dos altos da Serra dos Carajás; cidades “relais”, representadas por Parauapebas-Rio Verde, no piemonte da Serra dos Carajás; cidades de apoio ao garimpo da Serra Pelada (Curionópolis, Eldorado); centros de abastecimento de Marabá, sob as formas de aldeias de pescadores (a antiga tresidela de além-rio, frente a Marabá, São Félix de Valois) ou povoados rurais em diferentes estágios de desenvolvimento (Murumuru, Matrinchã, Brejo do Meio, Morada Nova) (AB'SÁBER, 1987a, p. 206).

Nessa rede urbana em formação, as cidades de apoio ao garimpo – representativas de um padrão de urbanização rústica, característico, em maior ou menor medida, de todos os embriões de novos centros urbanos na Amazônia brasileira, localizados às margens de rodovias, nas proximidades de reservatórios de hidrelétricas e de grandes projetos – mereceram especial atenção do autor:

Curionópolis, Eldorado e Rio Verde estão necessitando de uma correta extensão administrativa, ao par com uma série de melhorias urbanas integradas e um esforço bem orientado de reurbanização, que não venha a prejudicar os interesses das populações pioneiras, mas que possa acrescentar espaços sociais, de uso coletivo para todas as comunidades residentes. Cada uma dessas cidades, em função das condições de seu sítio e

¹⁰ Publicados originalmente em 1987, esses trabalhos foram republicados como capítulos do livro *Amazônia: do discurso à práxis*, com os títulos “Impactos ambientais na faixa Carajás-São Luís: uma tentativa de previsão” (AB'SÁBER, 1996g) e “Gênese de uma nova região siderúrgica: acertos e distorções de origem na faixa Carajás-São Luís” (AB'SÁBER, 1996h).

Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber

de suas infra-estruturas (sic), dinâmica social e econômica, tem problemas específicos, a serem resolvidos a curto e médio prazos. Urge listar os problemas emergentes de cada uma delas, sob um bom nível de conhecimentos sobre predição de impactos, com a elaboração de propostas em que participem todos os segmentos das comunidades residentes e todos os escalões da administração pública (AB'SÁBER, 1987a, p. 206-207).

Destaca-se também, nos estudos do geógrafo paulista, o binômio urbano Parauapebas-Rio Verde – formado, respectivamente, por uma cidade planejada e por um núcleo espontâneo surgidos, direta ou indiretamente, do projeto de exploração mineral –, e que foi abordado em profundidade em “Da Serra Pelada à Serra dos Carajás” (AB'SÁBER, 1996i). Nesse artigo inédito de seu já referido livro sobre a Amazônia, o autor analisou, a partir de sua própria experiência como consultor independente¹¹, as vicissitudes e paradoxos que levaram à rebelião (im)prevista dos garimpeiros contra as instalações da então Companhia Vale do Rio Doce:

a situação de conflito se estabeleceu, no nível psicossocial, pela presença de três tipos de cidades, num raio de 40 km: a cidade do povo (Rio Verde), a cidade em construção, considerada “fantasma” (Parauapebas); e, nos altos da Serra, alguma coisa mal conhecida e moderna, considerada como a “Ilha da Fantasia”. A total ausência de previsão de impactos sociais, numa visão de antropologia cultural, havia conduzido a uma atmosfera de confronto potencial (AB'SÁBER, 1996i, p. 257).

Considerando, ainda, que as cidades do Sul do Pará constituíam o termômetro mais sensível dos problemas criados por uma franja pioneira estabelecida em áreas de solos de baixa fertilidade natural para atividades agrícolas extensivas, Ab'Sáber (1987a, p. 208) destacou, nesse conjunto de centros urbanos, a cidade de Marabá¹², importante centro regional e “[...] exemplo maior da soma de todas as impreviões”. Resgatando os principais fatos urbanos que levaram à sua situação atual, marcada pela desarticulação dos seus núcleos urbanos constitutivos e pela concentração da pobreza, o autor traçou um diagnóstico que respaldou as suas propostas integrativas de solução dos problemas mais críticos que afetam a vida urbana e rural da sub-região, conforme sintetizado nos seguintes itens: a) integração mais racional dos diferentes subconjuntos do corpo urbano de Marabá (Cidade Velha, Cidade Nova e Nova Marabá); b) revisão do plano da Nova Marabá, tendo como cenário de referência a resposta da urbanização rústica apresentada pela área; c) realização de estudos para uma definição mais coerente e menos predatória dos espaços rurais da região de Marabá; d) realização de algumas experiências objetivas para colonização e assentamento de colonos, sob a garantia de plena economicidade e bem-estar das comunidades de raízes agrárias, após o desenvolvimento de estudos sobre o uso múltiplo do solo dos diferentes tipos de glebas; e) desenvolvimento de estratégias e mecanismos, mais sérios e objetivos, para “extensão rural”, assessoramento agrônômico aos proprietários e reorientação da exploração agrária dos espaços rurais dos antigos castanhais; f) realização de esforços

¹¹ Aziz Ab'Sáber foi um dos integrantes do Grupo de Estudos e Assessoramento sobre Meio Ambiente (GEAMAM), instituído pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) em resposta às crescentes pressões ambientalistas internacionais. A criação de uma cidade *relais*, no sopé da Serra dos Carajás, esteve entre as propostas discutidas por esse grupo de pesquisadores brasileiros (AB'SÁBER, 1996i).

¹² É digno de nota que o nome da biblioteca da Fundação Casa da Cultura de Marabá homenageia o grande geógrafo paulista, incentivador daquela instituição voltada à preservação do patrimônio histórico de natureza material e imaterial do sul e sudeste do Pará (FCCM, [s.d.]).

Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber

integrados para a criação de áreas de demonstração, de fácil acesso e visualização, para uma rápida difusão das novas técnicas de valorização agrária das terras rurais florestadas.

No outro extremo da faixa Carajás-São Luís, a problemática da urbanização também ganhou relevo nas análises de Ab'Saber sobre os impactos sociais e ambientais direta ou indiretamente decorrentes dos grandes empreendimentos industriais, ferroviários e portuários em áreas da Baixada Maranhense e do Tabuleiro Insular:

na Ilha do Maranhão, está localizada uma das quatro importantes cidades brasileiras nascidas e crescidas em espaços insulares. Tal como Vitória e Florianópolis, é uma capital administrativa de Estado. Está sujeita a um processo de modernização incompleto, e tem o ônus de um subdesenvolvimento herdado de um longo passado de estagnação. De uma hora para outra ganha uma ferrovia de ligação com um dos mais ricos setores do subsolo da Amazônia Oriental (Carajás), recebe o impacto da grande indústria multinacional do alumínio, tem todos os seus espaços físicos e ecológicos valorizados, transformados em boa mercadoria para especulação. Governantes, administradores e empresários serão cobrados historicamente, caso não se munam de conhecimentos pertinentes sobre previsão de impactos, monitoramento de situações complexas e estratégias corretas de controle, monitoração e gerenciamento da organização humana do espaço (AB'SÁBER, 1987a, p. 223).

Nesse sentido, o autor enfatizou a necessidade de um plano diretor elaborado por equipes multidisciplinares, em que se realizasse um zoneamento urbano integrativo entre os fatos urbanos, rurais/urbanos e industriais, em competição no interior do espaço insular; planejamento este acoplado com a proteção e conservação da natureza regional:

não se pode conceber uma urbanização que elimine totalmente a cor local, no estilo do que se tentou fazer com as avenidas de fundo de vale em Manaus. Há que se preservar espaços verdes intra-urbanos e periurbanos para São Luís. Realizar um esforço para a integração do construtivismo com a beleza da natureza, na orla praiana, reafeiçoar os arredores imediatos da velha cidade. Prever espaços praianos para uso coletivo, em setores bem selecionados. Defender as cabeceiras dos rios tipo Bacanga e Anil. Pensar a conurbação São José do Ribamar-São Luís. Proteger a área do Guaramiranga e a beira do Canal dos Mosquitos, visto como um todo. Um tabuleiro insular, com uma velha cidade implantada, em franco processo de extravasamento para a orla marítima e, mais recentemente, para a fachada estuarina – através de grandes indústrias e de um terminal marítimo especializado no transporte de minérios –, solicita estudos adequados de previsão de impactos ambientais e sociais (AB'SÁBER, 1987a, p. 221-222).

A observação dos processos de urbanização em curso nessa e em outras áreas amazônicas levaria Ab'Saber (1994b, p. 81-82) a reconhecer que:

na conjuntura do início da década que marca o fim do século e do milênio, a Amazônia brasileira alcançou a expressiva taxa de 50% de população urbana sobre a somatória das populações rurais e silvestre-rurais. Dos dezessete milhões de habitantes, existem pouco mais de oito milhões e meio de amazônidas vivendo, trabalhando e dependendo de atividades urbanas. Duas importantes metrópoles, situadas em pontos estratégicos no conjunto do mundo fluvial e florestal amazônico, transformaram-se em centros de funções múltiplas, comandando os fluxos econômicos e culturais de toda a região: Belém e Manaus. Metrópoles regionais outrora complementares – até 1960 – hoje individualizadas e independentes, sujeitas a um crescimento acelerado, envolvendo padrões de atividades urbano-industriais, e atropeladas pela inchação demográfica do mundo subdesenvolvido. Afora as metrópoles principais e as capitais administrativas dos Estados (Porto Velho, Rio Branco, Macapá e Boa Vista) – cidades de porte médio em forte crescimento demográfico, administrativo e econômico – destacam-se alguns centros urbanos de grande importância,

Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber

como pontos nodais, multifuncionais (Santarém, Abaetetuba, Monte Dourado, Cruzeiro do Sul, Boca do Acre, Marabá, Parintins, Itaituba).

O reconhecimento desses novos fatos urbanos, segundo Ab'Sáber (1994b), tornava-se imprescindível à compreensão da Amazônia contemporânea, bem como ao planejamento do seu desenvolvimento com responsabilidade ecológica e social.

CENTROS URBANOS DE APOIO REGIONAL: COMPONENTES DE UM ZONEAMENTO ECOLÓGICO E ECONÔMICO DA AMAZÔNIA

Como práxis – conhecimento instrumentalizado para a ação social transformadora –, a geografia regional da Amazônia de Aziz Ab'Sáber culmina em importantes contribuições ao zoneamento ecológico e econômico da região (AB'SÁBER, 1989, 2001, 2010), em cuja concepção e execução as cidades também assumem papéis destacados.

Tais papéis diferem substancialmente daqueles que lhes têm sido reservados pelos modelos de ordenamento territorial impostos à Amazônia, baseados nas geometrias dos polos e dos eixos de desenvolvimento e integração (TRINDADE JR.; MADEIRA, 2016). Não se trata, portanto, de conceber as cidades como bases das operações dos chamados grandes projetos, a exemplo do que representam as *company towns* (“cidades-empresa”), como os núcleos urbanos de Carajás e Serra do Navio (AB'SÁBER, 1996i). Nem tampouco se trata de pensá-las simplesmente como nós logísticos da produção globalizada, à maneira do que se concebe para os centros estrategicamente situados ao longo de corredores de exportação, como as cidades de Marabá, Imperatriz, Açailândia e São Luís, na faixa da Estrada de Ferro Carajás-São Luís (AB'SÁBER, 1996g, 1996h).

Ao invés disso, no zoneamento ecológico e econômico idealizado por Ab'Sáber (1989, 1994b, 1995b, 2010), as cidades são pensadas como centros de apoio regional em cada uma das células espaciais¹³ – dotadas de suportes ecológicos e condições socioeconômicas próprias – que formam o mosaico de terras baixas florestadas da Amazônia brasileira (Quadro 1).

No interior dessas células, ou entre elas, o autor delimitou, ainda, áreas críticas que mereceriam tratamento prioritário e polivalente, muitas delas no entorno de cidades e áreas urbanizadas (AB'SÁBER, 1989), quais sejam: a) áreas que envolvem as grandes cidades da Amazônia (Belém, Manaus); b) áreas de entorno de centros urbanos mais restritos, que denotam grande potencial de crescimento ou tendência para distorções em cadeia (Santarém, Marabá, Rio Branco, Porto Velho, Imperatriz, Boa Vista); c) áreas afetadas por grandes projetos de mineração (Carajás, Serra do Navio) e corredores de exportação (Carajás-São Luís; Porto Santana-Serra do Navio); d) áreas de barragens e usinas hidrelétricas, onde antigas cidades beiradeiras sofreram um processo de inchaço e ganharam infraestruturas modernizantes (Tucuruí); e) grandes projetos

¹³ O autor sublinha que a delimitação dessas células espaciais (também designadas regiões, zonas ou quadrantes), da ordem de uma a duas centenas de milhares de quilômetros quadrados, constitui um ponto de partida para a identificação subsequente de subespaços geoecológicos de uma ordem de grandeza imediatamente inferior, dimensionados em torno de algumas dezenas de milhares de quilômetros quadrados (AB'SÁBER, 1989).

Fases da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber

agroindustriais (Jari, Rio Cristalino); f) distritos industriais satélites (Nova Barcarena); g) projetos minerometalúrgicos de locação empírica (usinas de ferro gusa projetadas para a faixa Carajás-São Luís); h) espaços insulares sujeitos a fortes pressões da urbanização (São Luís do Maranhão); i) áreas de garimpagem e redes urbanas de apoio às atividades de extração mineral (Serra Pelada, Curionópolis e Eldorado); j) pontos nodais de cruzamento de rotas terrestres e fluviais, com tendências para crescimento de cidades e estabelecimento de redes de núcleos urbanos satélites (Marabá, Santa Inês, Boca do Acre, Conceição do Araguaia, Açailândia, Imperatriz).

Quadro 1 – Zoneamento ecológico e econômico da Amazônia brasileira, segundo Aziz Ab'Saber: setorização espacial e centros urbanos de apoio regional

Agrupamentos regionais	Características gerais	Células espaciais	Centros urbanos de apoio regional
Ao norte da calha do Amazonas	Espaços predominantemente (mas não totalmente) florestados distribuídos por uma faixa diferenciada de terrenos e bacias hidrográficas.	Uaupés ou Alto Rio Negro	São Gabriel da Cachoeira (AM)
		Médio Rio Negro	Santa Isabel do Rio Negro (AM) e Barcelos (AM)
		Roraima	Boa Vista (RR) e Caracaraí (RR)
		Jatapú-Uatumã	Presidente Figueiredo (AM) e Balbina (AM)
		Baixo Rio Negro/Região de Manaus	Manaus (AM)
		Trombetas ou Norte do Pará	Oriximiná (PA) e Porto Trombetas (PA)
		Jari-Paru	Monte Dourado (PA)
		Amapá	Macapá (AP) e Serra do Navio (AP)
Ao longo da calha central do Amazonas	Alongada calha fluvial do Solimões/Amazonas, comportando setores identificáveis por critérios tradicionais da população.	Alto Solimões	Tabatinga (AM) e Benjamin Constant (AM)
		Solimões	Tefé (AM) e Coari (AM)
		Médio Amazonas	Itacoatiara (AM), Maués (AM) e Parintins (AM)
		Baixo Amazonas	Santarém (PA) e Monte Alegre (PA)
		Golfão Marajoara ou Marajó-Breves-Bocas	Breves (PA) e Soure (PA)
Ao sul da calha do Amazonas	Extensas áreas de terras firmes florestadas (baixos platôs, zonas mini-montanhosas, serrinhas interfluviais) sujeitas a intensos processos predatórios	Juruá	Eirunepé (AM) e Carauari (AM)
		Purus	Boca do Acre (AM) e Lábrea (AM)
		Madeira (Baixo e Médio Inferior)	Humaitá (AM), Manicoré (AM) e

**Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia:
Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber**

por atividades especulativas (agropecuárias, frentes de extração madeireira, colonizações empíricas).		Borba (AM)
	Tapajós (Baixo e Médio)	Santarém (PA) e Itaituba (PA)
	Xingu-Iriri	Altamira (PA) e São Félix do Xingu (PA)
	Tocantins	Abaetetuba (PA) e Tucuruí (PA)
	Região de Belém/Alto Capim/Bragantina do Pará	Belém (PA)
	Acre Ocidental	Rio Branco (AC) e Xapuri (AC)
	Acre Sul-Oriental	Cruzeiro do Sul (AC)
	Rondônia/Médio Madeira	Porto Velho (RO)
	Madeira Sul-Oriental	Ji-Paraná (RO) Vilhena (RO) e Aripuanã (MT)
	Alto Tapajós	Alta Floresta (MT)
	Alto Xingu	São Félix do Xingu (PA)
	Carajás/Sul do Pará/Araguaia	Marabá (PA) e Carajás (PA), e Redenção (PA) e Conceição do Araguaia (PA)

Fonte: elaborado pelo autor com base em Ab'Saber (1989, 1994b, 1995b, 2010).

Para Ab'Saber (1994b), os centros urbanos de apoio, arrolados no quadro 1, teriam importância fundamental, pois é a partir deles que se poderia conduzir pesquisas e levantamentos de conhecimento e reconhecimento das realidades regionais, particularmente no que se refere aos problemas críticos ou emergentes da saúde, da educação, do saneamento básico, dos transportes, da produção e do emprego, além das expectativas e aspirações das comunidades e populações regionais e sub-regionais; os quais poderiam ser transformados em pequenos e múltiplos projetos de atendimento socioeconômico e sociocultural.

Segundo o autor:

a grande maioria desses centros é composta de cidades pequenas, localizadas em sítios beiradeiros, dominando setores de longos itinerários fluviais. Outra parte está relacionada com o rodoviário que invadiu a região amazônica, na categoria de grandes eixos viários, ditos de integração. Enquanto as cidades e vilarejos que pontilham os vales, localizam-se a partir de barrancas de onde se domina o rio e suas planícies, as cidades nascidas no ciclo mais recente, de extensas rodovias (Belém-Brasília, Transamazônica, Cuiabá-Porto Velho, Porto Velho-Manaus-Santarém, Porto Velho-Acre), podem ter como sítios qualquer parte dos antigos “centros” florestados. Algumas têm uma posição marcadamente interfluvial, incluindo apenas igarapés destinados, muitas vezes, à poluição e desperdício, fato que exige cuidados especiais por parte de administradores esclarecidos. Algumas rodovias ou estradas de funcionamento precário, cruzam sucessivos vales, ofertando locais importantes para sítios urbanos, nas travessias dos rios e riozinhos. Uma conexão entre a fluvialidade do período dos seringais e o rodoviarismo em esboço de consolidação. Este é o caso simbólico das cidadezinhas que balizam a BR que liga Rio Branco a Cruzeiro do Sul no Acre; a Transacreama implantada ao longo da linha de fronteira entre os estados da Amazônia e

Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber

Acre. De certa forma, a Transamazônica e alguns setores implantados da Perimetral Norte representam um novo esquema de “corredores” indutores de povoamento urbano e pioneirismo agropecuário, empírico e predatório, no corpo geral dos grandes contínuos florestados da Amazônia. Gerenciar o empirismo devastador, completar sob outros modelos de administração dos espaços silvestre-rurais, e servir aos que trabalham no coração das florestas em atividades as mais diversas e certamente conflitantes é uma das propostas mais importantes a serem feitas em coroamento ao esforço do zoneamento ecológico e econômico (AB'SÁBER, 1994b, p. 83).

Ainda que os zoneamentos desde então realizados, nos diferentes níveis político-administrativos da estrutura federativa brasileira, nem sempre tenham efetivamente rompido com a perspectiva geométrica e tecnocrática do planejamento (TRINDADE JR.; MADEIRA, 2016) – risco para o qual, aliás, advertia o próprio autor (AB'SÁBER, 1989) –, a sua proposta original de tratamento integrado das dimensões ambiental-ecológicas e econômico-sociais, rurais e urbanas, de uma região tão complexa como a Amazônia, permanece, ainda hoje, inspiradora e rica de ensinamentos.

131

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das pequenas povoações ribeirinhas às grandes metrópoles regionais, passando por toda uma gama de tipos e tamanhos de núcleos urbanos e rurbanos, as cidades, assim como as redes urbanas e a urbanização em geral, constituem elementos fundamentais da geografia regional que Aziz Ab'Sáber elaborou e legou, ao longo de mais de cinco décadas de estudos e pesquisas, na e para a Amazônia brasileira.

Totalizante e integradora, essa leitura geográfica da referida região reserva aos fatos urbanos um lugar de relevo na apreensão analítica e sintética das múltiplas interfaces e interferências entre o mundo físico e o mundo humano, o mundo urbano e o mundo rural-silvestre existentes no interior do macrodomínio amazônico.

Tal visão culmina com uma proposta de ordenamento territorial, o zoneamento ecológico e econômico, que incorpora os núcleos urbanos como centros de apoio sub-regional num esforço de setorização orientado a um novo paradigma, autossustentado e não predatório, de utilização social e econômica dos espaços amazônicos.

Cumpre-nos, neste ano em que se comemora o centenário de Aziz Ab'Sáber, revisitar o legado de sua geografia regional compreensiva e comprometida com o futuro da Amazônia; futuro no qual as cidades e o urbano terão, sem dúvida, papéis fundamentais a desempenhar, conforme já antevia o grande geógrafo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1/4, p. 21-122, jan./dez. 1994.

AB'SÁBER, A. N. A cidade de Manaus (primeiros estudos). *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 15, p. 18-45, out. 1953a.

Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber

AB'SÁBER, A. N. Na região de Manaus. Fotografias e comentários. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 14, p. 55-66, jul. 1953b.

AB'SÁBER, A. N. Aspectos geomorfológicos de Carajás. In: SEMINÁRIO SOBRE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E IMPACTO AMBIENTAL EM ÁREAS DE TRÓPICO ÚMIDO BRASILEIRO, 1., 1987, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: SEMA, 1987a. p. 200-232.

AB'SÁBER, A. N. Problemas de localização das indústrias de ferro-gusa na faixa da Estrada de Ferro Carajás-São Luís. *Pará Desenvolvimento*, Belém, n. 22, p. 3-15, jul./dez. 1987b.

AB'SÁBER, A. N. Zoneamento ecológico e econômico da Amazônia: questões de escala e método. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 4-20, 1989.

AB'SÁBER, A. N. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 221-232, dez. 1994a.

AB'SÁBER, A. N. A região amazônica. In: D'INCAO, M. A.; SILVEIRA, I. M. (org.). *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: MPEG, 1994b. p. 77-84.

AB'SÁBER, A. N. O conceito do espaço total e a problemática da reorganização dos espaços regionais. In: LOCH, R.; NAZARENO, C. (org.). *Resgate histórico das Semanas de Geografia da UFSC*. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 1995a. p. 96-104.

AB'SÁBER, A. N. Elements for a strategy for territorial settlement and ecodesign in the Amazon. In: CLÜSENER-GODT, M.; SACHS, I. (ed.). *Brazilian perspectives on sustainable development of the Amazon region*. Paris: UNESCO, v. 15, 1995b. p. 287-303.

AB'SÁBER, A. N. *Amazônia: do discurso à práxis*. São Paulo: Edusp, 1996a.

AB'SÁBER, A. N. Paleoclima e paleoecologia da Amazônia brasileira: estudo introdutório. In: AB'SÁBER, A. N. *Amazônia: do discurso à práxis*. São Paulo: Edusp, 1996b. p. 49-66.

AB'SÁBER, A. N. Zoneamento ecológico e econômico da Amazônia: questões de escala e de método. In: AB'SÁBER, A. N. *Amazônia: do discurso à práxis*. São Paulo: Edusp, 1996c. p. 11-29.

AB'SÁBER, A. N. Amazônia: proteção ecológica e desenvolvimento com o máximo da floresta-em-pé. In: AB'SÁBER, A. N. *Amazônia: do discurso à práxis*. São Paulo: Edusp, 1996d. p. 131-190.

AB'SÁBER, A. N. A cidade de Manaus: primeiros estudos. In: AB'SÁBER, A. N. *Amazônia: do discurso à práxis*. São Paulo: Edusp, 1996e. p. 201-222.

AB'SÁBER, A. N. Caruari: vicissitudes de uma comunidade beiradeira: Médio Juruá, Amazonas. In: AB'SÁBER, A. N. *Amazônia: do discurso à práxis*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 1996f. p. 191-200.

AB'SÁBER, A. N. Impactos ambientais na faixa Carajás-São Luís: uma tentativa de previsão. In: AB'SÁBER, A. N. *Amazônia: do discurso à práxis*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 1996g. p. 91-112.

AB'SÁBER, A. N. Gênese de uma nova região siderúrgica: acertos e distorções de origem na faixa Carajás-São Luís. In: AB'SÁBER, A. N. *Amazônia: do discurso à práxis*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 1996h. p. 113-130.

AB'SÁBER, A. N. Da Serra Pelada à Serra dos Carajás: a rebelião (im)prevista dos garimpeiros. In: AB'SÁBER, A. N. *Amazônia: do discurso à práxis*. 1. ed. São Paulo: Edusp, 1996i. p. 237-286.

Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia: Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber

- AB'SÁBER, A. N. *Amazônia: proteção ecológica e desenvolvimento com o máximo da floresta-em-pé*. São Paulo: IEA-USP, 2001.
- AB'SÁBER, A. N. Bases para os estudos dos ecossistemas da Amazônia brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 16, p. 7-30, 2002.
- AB'SÁBER, A. N. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- AB'SÁBER, A. N. Zoneamento fisiográfico e ecológico do espaço total da Amazônia Brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 15-24, 2010.
- AB'SÁBER, A. N. Aziz Ab'Sáber: entrevista. [Entrevista cedida a] Drauzio Varella. *Drauzio Varella*, 17 mar. 2012. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/aziz-ab-saber-entrevista/>. Acesso em: 02 mar. 2024.
- DOURADO, F. Aziz Ab'Sáber, geógrafo e ambientalista. *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, São Paulo, 28 out. 2015. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/azizabsaber.html>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- FCCM. Fundação Casa da Cultura de Marabá. *Biblioteca Aziz Nacib Ab'Sáber*, Marabá, [s.d.]. Disponível em: <https://casadaculturademaraba.org/setores/biblioteca/>. Acesso em: 15 maio 2024.
- FURTADO, A. M. M. Aziz Ab'Sáber e a Amazônia. In: MODENESI-GAUTTIERI, M. C. *et al.* (org.). *A obra de Aziz Nacib Ab'Sáber*. São Paulo: Beca-Ball, 2010. p. 102-110.
- MARCOVITCH, J. Aziz Ab'Sáber, o cientista cidadão. In: MAGALHÃES, L. E. (coord.). *Humanistas e cientistas do Brasil: ciências humanas*. São Paulo: EDUSP, 2015. p. 85-99.
- MODENESI-GAUTTIERI, M. C. *et al.* Professor Aziz Nacib Ab'Sáber: súmula biográfica. In: MODENESI-GAUTTIERI, M. C. *et al.* (org.). *A obra de Aziz Nacib Ab'Sáber*. São Paulo: Beca-Ball, 2010. p. 14-23.
- MONBEIG, P. O estudo geográfico das cidades. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 73, ano 7, p. 5-38, jan. 1941.
- MONTEIRO, C. A. F. A contribuição de Ab'Sáber à geografia urbana do Brasil. In: MODENESI-GAUTTIERI, M. C. *et al.* (org.). *A obra de Aziz Nacib Ab'Sáber*. São Paulo: Beca-Ball, 2010. p. 176-179.
- MOREIRA, R. *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes brasileiras*. São Paulo: Contexto, 2010. v. 3.
- PENTEADO, A. R. Belém do Pará (primeiros estudos). *Anuário da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae*, São Paulo, p. 57-69, 1949.
- PENTEADO, A. R. Belém, metrópole da Amazônia. Fotografias e comentários. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 9, p. 65-74, 1951.
- TRINDADE JR., S-C. C. A Amazônia e o pensamento geográfico brasileiro: tecendo compreensões e vislumbrando outros horizontes. In: COLÓN, M.; PINTO, L. F. (ed.). *Utopias amazônicas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2024. No prelo.

**Faces da cidade e do urbano em uma geografia regional da Amazônia:
Um olhar sobre a obra de Aziz Ab'Saber**

TRINDADE JR., S-C. C.; MADEIRA, W. V. Polos, eixos e zonas: cidades e ordenamento territorial na Amazônia. *PRACS*: revista eletrônica de humanidades do curso de ciências sociais da UNIFAP, Macapá, v. 9, n. 1, p. 37-54, jan./jun. 2016.

Texto recebido em: 26/06/2024

Texto aprovado em: 14/10/2024